

Como o racismo e o colonialismo ainda dominam o mundo?

Larissa Oliveira¹⁹⁸

How racism and colonialism still rule the world?

O livro cujo título original em inglês é “The New Age of Empire: How Racism and Colonialism Still Rule the World”, de autoria do sociólogo britânico Kehinde Andrews, foi traduzido para o português por Cecília Rosas e publicado no Brasil pela editora Companhia das Letras em 2023, disponível em formato físico e *ebook* na primeira edição. Trata-se de uma escrita ácida e, por vezes, irônica, que contribui para a produção do saber sobre o tema e aprofunda uma discussão das intersecções do racismo.

Destaca-se o frescor da mensagem que o livro traz, embora seja um tema bastante estudado e debatido. Em virtude do recrudescimento do racismo e o avanço da extrema-direita no cenário político atual, o autor, especializado em “Black Studies”, afirma: “o racismo ainda rege todo o sistema político e econômico” (p. 8), salientando que “nenhum conceito é mais importante para o Ocidente do que raça” (p. 44) e explicitando a lógica primária do mundo ocidental, em que “vidas racializadas valem menos” (p. 8), haja vista os séculos de escravidão e a brutalidade infligida a diversas populações em benefício próprio.

Faz-se necessário, nos aproximarmos brevemente do autor a fim de compreender sua obra no panorama mundial. Atualmente, Kehinde Andrews é professor do departamento de Ciências Sociais da Birmingham City University (BCU), no Reino Unido, e tornou-se conhecido por suas análises críticas sobre o racismo estrutural e o legado do colonialismo. Em 2013, lançou seu primeiro livro: “Resisting Racism: Race, Inequality and the Black Supplementary School Movement” (“Resistindo ao Racismo: Raça, Desigualdade e o Movimento Escolar Suplementar Negro”, em tradução livre). Em 2018, publicou “Back to Black: Retelling Black Radicalism for the 21st Century” (“De volta ao preto: releitura do radicalismo negro para o século XXI”, em tradução livre). Além desses, há outros títulos em parceria com estudiosos, capítulos de livros e artigos publicados, nos quais estão sublinhadas suas preocupações em “investigar como o genocídio, a escravidão e o colonialismo foram as pedras fundamentais

¹⁹⁸ Museóloga (UFNA). Doutoranda em Sociomuseologia pela Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa com bolsa da Cátedra Unesco – “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural”. Mestra em Museologia (2021), bacharel em Sociologia (2017) e licenciada em Ciências Sociais (2012) pela Universidade Federal da Bahia (Brasil). larissa.saldanha.oliveira@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-8450-4825>

sobre as quais o Ocidente foi construído” (p. 10), numa linha afinada às discussões propostas nesse dossiê temático.

Sua formação acadêmica e ativismo negro o fizeram repensar sobre a base do conhecimento na qual se estrutura o mundo contemporâneo. Seu esforço está em descolonizar o conhecimento diante de uma guerra de narrativas, onde o Ocidente minera os fatos para analisar o que lhe convém e, assim, perpetuar desigualdades. Esse é um recurso-chave da supremacia branca que precisa ser desconstruído.

O seu mais recente livro “A nova era do Império: como o racismo e o colonialismo ainda dominam o mundo” foi publicado em 2021, após o assassinato de George Floyd (em 2020), quando uma onda de protestos se desencadeou nos Estados Unidos em plena pandemia de covid-19. Andrews expõe como esses conceitos (racismo e colonialismo) seguem presentes, “moldando a riqueza e a desigualdade da supremacia branca” (p. 10). Segundo o autor, na nova era do Império, a lógica colonial foi encoberta pela legitimidade da democracia, dos direitos humanos e dos valores universais, operados por uma filosofia “universal” vigente e uma estrutura intelectual que garantiram a sua manutenção.

Portanto, o título da obra remete a uma nova feição do imperialismo na atualidade. Salienta-se que o subtítulo também não deve passar despercebido, situando os pressupostos em questão. O livro é dividido em oito capítulos que abordam genocídio, escravidão, colonialismo e democracia. Andrews destaca quatro aspectos dessa nova era do Império: o capitalismo racial; a nostalgia colonial; o patriarcado racial e o pós-racialismo com o objetivo declarado de consolidar tais conceitos e explicitar a lógica do imperialismo ocidental vigente.

O foco principal é demonstrar as formas pelas quais criou-se um mito de que o Ocidente foi fundado em três grandes revoluções (científica, industrial e política), a fim de contrapor esse dogma eurocêntrico. O autor aponta o Iluminismo enquanto base intelectual do mundo moderno e, ao mesmo tempo, projeto intelectual racista que gerou justificativas para o genocídio, a escravidão e o colonialismo como indispensáveis para o progresso ocidental. Além disso, a ciência racial era um componente integral da estrutura intelectual do Iluminismo, justificando a superioridade branca ocidental e incorporando tais ideias no tecido social.

No livro, Andrews demonstra a escala de violência, aniquilação e desumanização produzida por países europeus, exemplificando as atrocidades feitas nas Américas, na África e na Índia. Ou seja, a racionalização de ações violentas para o enriquecimento e desenvolvimento do Ocidente, desfazendo as ilusões que sustentam o assim chamado progresso difundido por essas nações, as quais dominam a narrativa histórica. O apagamento de não europeus está no centro dessa ideia (destruição real e/ou simbólica), a fim de garantir que o conhecimento e a razão foram difundidos pela Europa, reforçando a ideia de “superioridade moral”.

As explanações, exemplos e comentários de Andrews demonstram que o Ocidente ganhou prosperidade explorando ao máximo o conceito de racismo, embora ainda se discuta a centralidade da escravidão. Assim, o eixo de toda a obra, se articula para dar realce em como

os ganhos do Ocidente foram conquistados sobre a exploração dos países que estão no Sul Global – é um padrão que se repete até hoje e revela uma outra face do problema: além de roubar riquezas dos territórios colonizados, impede-se o desenvolvimento necessário para que esses locais prosperem, encarando-os através das lentes do exotismo e da inferioridade.

Alicerçado na ideia de que o genocídio, a escravidão e o colonialismo são manifestações sobrepostas da supremacia branca, o autor enfatiza que elas não podem ser separadas e se infiltram nas formas atuais de dominação colonial (neocolonialismo). Ele também explica que a nova fase do imperialismo, o império estadunidense, trabalha com um regime de intervenção financeira, apoiando o Ocidente por meio de organizações econômicas como ferramentas políticas, em detrimento do enfraquecimento e empobrecimento das demais economias do mundo.

Esse nos parece ser o prisma no qual se insere essa obra de Kehinde Andrews, alertando para a visão distorcida da branquitude que nos foi incutida. Se as ideias explanadas no livro são inspiradoras, sua profunda crítica ao sistema eurocêntrico de conhecimento e como ele perpetua a dominação colonial ao marginalizar saberes não-ocidentais, faz valer sua leitura!

Referência

Andrews, K. (2023). *A nova era do império: Como o racismo e o colonialismo ainda dominam o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.